

# Lembrando Gerard<sup>1</sup>

*Manuel Veiga*

Compartilhei com Gerard Henri Béhague de três domínios: o de uma amizade fraterna, o da Bahia e o da Etnomusicologia. Não seria fácil separá-los, em condições normais, nem estabelecer prioridades. Numa hora em que compartilhamos uma dor, porém, o da amizade deve vir primeiro. Nem sempre essas lembranças serão simples de contar e, por serem relações, tampouco conseguirei ficar fora do quadro. Mas se trata de meu amigo Béhague o tempo todo, com suas muitas virtudes e até algumas imperfeições que só fazem acentuar o grande homem que foi.

O jovem guapo que conheci em torno de seus trinta anos, em Salvador, ainda que mais moço, era o mais brasileiro dos dois. Tinha uma brejeirice carioca mesclada com um charme francês que a todos encantava. Sorriso fácil. Elegante, bem educado. Talvez o único indício das origens em Montpellier e da passagem pela Sorbonne fosse uma quase imperceptível ressonância nasal distinta do cariocano e do baianês habituais e com a qual, muitas vezes, pontuava o seu discurso.

Era por volta de 1968. Um extraordinário Festival do Barroco, organizado pela Gulbenkian e pela Universidade Federal da Bahia, havia nos trazido um quarteto de musicólogos de peso: Jaime Diniz (Pe. Jaime), Cléofe Pearson de Mattos, Gerard e Regis Duprat. Hoje todos são saudades, à exceção de Regis que, graças a Deus, está aqui ao nosso lado.

As circunstâncias de nosso encontro foram assimétricas. De minha parte, ouvia com interesse e admiração, anonimamente, uma conferência que Gerard pronunciava no Museu de Arte Sacra em Salvador. Discorria sobre questões de estilística ligadas a seu interesse inicial pelo assim chamado Barroco Mineiro. Ali estava o antigo estudante de Jacques Chailley. De parte dele (e de Regis, lamento dizer), a primeira impressão dada deve ter sido a de um cara prepotente e autoritário que, com dois de seus colegas, os impedia de falar a todo momento. Altamente credenciados e cooperativos os dois, professores e estudantes de música, teatro e dança os haviam

---

<sup>1</sup> Texto de homenagem póstuma, lido no Fórum “O legado de Gerard Béhague” durante o XV Congresso Nacional da ANPPOM, organizado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, em julho de 2005.

convidado a participarem de discussões sobre a reforma universitária que se implantava na UFBA. Sem saberem, pisavam em terreno minado. Não muito longe dali, um posto do SNI se instalara num dos hospitais universitários e controlava todo o expediente das unidades. Era tempo em que até os programas de música de câmara tinham de passar pela Gestapo local. A reforma nos atingira mal, forçando a fusão das três instituições criadas pelo Koellreutter no início dos anos 50, os Seminários de Música, as Escolas de Dança e de Teatro, numa única Escola de Música e Artes Cênicas. Nenhum de nós queria isso, nem muito menos o “coordenador”, indicado que fora pelos diretores antigos a montar a nova unidade, posto que se tratava de assunto consumado. Como a mesma coisa ocorria com os institutos básicos, os coordenadores ajudavam uns aos outros a conter os ânimos e explicar o dogma, na medida do possível. Nosso medo era real, pois a probabilidade de “heresias” (subversão era o termo da época) veiculadas inocentemente pelos ilustres visitantes era tão alta quanto a certeza das delações na Sexta Região Militar. [Regis, já não posso pedir desculpas a Gerard, mas a você, perdoe].

O Gerard que se tornaria o grande etnomusicólogo que conhecemos ainda não havia emergido, mesmo com sua tese sobre os primórdios do nacionalismo musical brasileiro, orientada por Gilbert Chase em Tulane, em 1966. Seu interesse pela modinha e pelo lundu já estava lá. Os tempos mudaram muito e puseram o termo “etnomusicologia” na boca do povo. Não era ainda assim. Coube a Peter Etzkorn, em visita à Escola, no período de transição a que aludi, mostrar-me um exemplar de *Ethnomusicology*, quando travei conhecimento com o logotipo da Sociedade de Etnomusicologia e, receio dizer, com o próprio nome da disciplina. Já me embaraçava há muito ser capaz de entrar em detalhes sob pontos obscuros da Ars Nova francesa e nada saber sobre a Bahia musical, ao meu redor. De Brasil, nem se fala. Para que, se havíamos sido treinados para ignorar a música brasileira e julgá-la inferior? Para ajudar-me, Béhague me deu indicações bibliográficas sobre nossa música que passei a desenvolver e que iriam mudar o curso de minha vida. Mas ainda não era a vez da Etnomusicologia.

A primeira escola de etnomusicologia que cursei, sem saber, foi o Conselho de Cultura do Estado da Bahia. Envolvido por problemas administrativos de toda ordem, o virtuose pianista ia aos poucos perdendo o interesse pelas palmas, em busca de um sentido mais profundo para o que fazia. Aprendeu a ter medo do poder ao perceber que uma simples portaria da Capitania dos Portos, no bom propósito de melhorar a segurança da nave-

gação na Baía de Todos os Santos, liquidava com os seus saveiros altaneiros e, ao mesmo tempo, com a economia e cultura praieira das ilhas do Recôncavo. Aprendeu também o não-saber que seria a base da Etnomusicologia e de todos os seus estudos. Essa Etnomusicologia seria sobretudo um estado de espírito, de respeito à música dos outros.

Aprendi isso com Gerard? Acho que sim, pois serviu de farol para tudo. Presente ou não, o padrão a ser seguido fôra internalizado e assimilado. Ao mesmo tempo em que estimulava a todos com sua natureza generosa, o meu amigo era também um crítico implacável e corajoso, sem receio algum de expressar o que sentia. Sua aprovação não era fácil. Apesar de alguns indícios, nunca saberei se realmente cheguei a obtê-la, o que, não posso negar, sempre me preocupou. Logo que a Escola de Música permitiu, tratei de ir fazer o doutorado. A escolha recaiu sobre Musicologia Histórica Latino-Americana, na UCLA, e aqui entra o segundo gigante de minha vida adulta: Robert Stevenson. Mais que isso: passei a viver entre os dois pólos de uma rivalidade totalmente desnecessária: no fundo, dois turrões que sempre me deram mostras de alta admiração um pelo outro. A única explicação que encontro seria a de um possível conflito de gerações. Foi Stevenson, mestre e amigo extraordinário, mas também pessoa nada fácil, que decidiu me encaminhar para a Etnomusicologia, finalmente. Béhague reagiu: “mas ele não sabe nada”, confiou a alguém, creio que a Widmer. Mais uma vez os dois estavam certos.

Meu papel aqui, insisto, não é o de relatar homenagens que já foram prestadas ao meu amigo. A notícia do falecimento divulgada pela família nos dá acesso a informações tocantes e fidedignas. Uma das que mais me confortaram é a de que o nosso Gerard, a despeito da enfermidade, continuou viajando, escrevendo, ensinando, e se reunindo com seus estudantes até dias apenas antes de sua morte, tendo sido alvo de uma maravilhosa mostra de afeto por cerca de 40 de seus estudantes correntes e antigos e colegas de várias partes dos Estados Unidos, numa reunião de surpresa que o deixou profundamente tocado e grato. Um grande jornal da capital, o *Washington Post*, um entre outros, divulgou um extenso obituário, na edição de 22 de junho: “Gerard H. Behague: Studied, Wrote About Latin Music”. Acessei em 14/07/2005, no endereço <[www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2005/06/21](http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2005/06/21)>.

Para atender à solicitação de Marcelo Verzoni, o Google ajudou a localizar mais de um cento e meio de e-mails com o nome de Béhague, em meu computador. Os últimos são os mais expressivos, mesmo que me en-

volvam ainda mais, e até terceiros, nesta homenagem que é só dele, mas penetram na sua intimidade e no estilo de relacionamento que eram seus.

O fio se inicia em 24/10/2005, Assunto: Re: [Etnomusicologia-Brasil] Fw: [bibliografia] Lançamento FESTSCHRIFT MANUEL VEIGA. De imediato, note-se o interesse e a disposição de Béhague para acessar quer a lista de Etnomusicologia, quer a de Bibliografia, esta relacionada a uma disciplina, MUS 502, Estudos Bibliográficos e Metodológicos I, da Pós-Graduação em Música da UFBA. A mensagem veiculada, resumidamente, era um convite de Pablo Sotuyo para o lançamento do livro *Por uma Etnomusicologia Brasileira: Festschrift Manuel Veiga*. O lançamento, previsto para o dia seguinte, na Biblioteca Central da UFBA, publicava com 23 anos de atraso, em fac-símile, já bastante depenada como previra Stevenson, a dissertação de meu doutorado. Enumerava também oito dos que haviam participado do projeto. Eis a reação de Gerard:

Meu querido Manuel,

Parabéns pelo lançamento do *Festschrift*. Bem merecido. Só lamento duas coisas, primeiro que o lançamento não tenha sido marcado durante o Encontro da ABÉT para que tantos colegas seus possam também homenageá-lo. Segundo que a “etnomusicologia brasileira” seja representada ali por R. Stevenson (o que é um absurdo!) e outros compositores, teóricos, etc. mas não a pesada da etno brasileira. Quem foi que escolheu?

Um grande abraço.

Gerard

Está tudo aí: generosidade, nos parabéns que não faltavam; crítica e sugestão imediata para melhoria; a rixa com Stevenson, esta sim, sem uma razão de ser, tanto mais que havia ele próprio sido convidado. A resposta seguiu em 7.11.2004, minha última correspondência com ele:

Caro Gerard:

Estou feliz com a notícia de que você estará aqui muito em breve.

Nada tive com o *Festschrift*. Pablo Sotuyo tomou a iniciativa de propô-lo ao Colegiado da Pós-Graduação, há mais de dois anos. Julguei que a coisa estivesse esquecida até quase às vésperas da apresentação do impresso, o que provavelmente teria sido o caso não fosse o esforço pessoal dele.

Entendi que você havia sido convidado, sem ter podido atender. Jamary, que foi orientador de doutorado de Pablo, também confirma isso. Para mim teria sido uma consagração, pois você sabe quanto o admiro.

Quanto a Stevenson, a iniciativa foi também de Pablo, o que entendo. Devo muito, muito mesmo, a ele. É um musicólogo de amplo espectro, mesmo que não especificamente um etnomusicólogo. Foi meu orientador e me abriu as portas da etnomusicologia na UCLA, além de me ter incutido uma disciplina de trabalho que nunca tive. Se juntasse minha falta de auto-estima ao perfeccionismo da carreira de virtuose, jamais teria completado tese alguma. Segundo notícias que me deram recentemente, ele está quase cego.

Acredite: Stevenson é um admirador seu e foi de você que ele se lembrou para substituí-lo na UCLA. Algum dia ainda espero ver vocês dois em lua-de-mel, sem provocar ciúme de Cecília.

Meu caro amigo, obrigado pelas suas palavras bondosas e imerecidas, o que vale é vê-lo aqui em breve.

Um abraço,

Manuel

Receberia ainda um telefonema de Gerard alguns dias depois para me dizer que não viria à Bahia por causa de um problema, uma chatice, no pulmão. Prometi que lhe mandaria um relato, o que não tive coragem de fazer.

Finalmente a Bahia. O falecimento de Béhague trouxe profundo sentimento de perda a todos, professores e estudantes de pós-graduação em música na UFBA. Estávamos habituados a vê-lo como participante indispensável das Jornadas de Etnomusicologia, dos Simpósios Brasileiros de Música, de Encontros Nacionais da ANPPOM e da ABET realizados na Bahia, ou não, e em festivais como o que iniciou nosso contato, na década de 60.

Vimo-lo crescer sempre, de um interesse no Barroco Mineiro aos mais elevados graus de reconhecimento nos escalões internacionais da musicologia e da etnomusicologia. Em Béhague tudo se somava, nada se perdia, sua variante da lei de Lavoisier.

Esteve na Bahia por períodos relativamente longos ligados aos seus estudos do Candomblé baiano, também divididos entre a Escola de Música e o Centro de Estudos Afro-Orientais.

Não foi o primeiro, mas foi quem mais contribuiu para despertar o interesse de nossas escolas de música e seus professores para a riqueza da música do

Candomblé, modificando a imagem de alienação de que Arthur Ramos já se queixava no passado e, até recentemente, Vivaldo Costa Lima, ambos antropólogos. Tornou-se um respeitado ogã do Axé Opô Afonjá, ao que sabemos, embora ainda não tenhamos tido uma confirmação da comunidade.

Interessado no Grupo de Compositores da Bahia e nos compositores baianos, não mediu esforços para torná-los mais presentes em seus livros e nas grandes enciclopédias das quais participou.

Os cursos de pós-graduação em música da UFBA não teriam surgido quando o fizeram, não fosse o ânimo com que conseguiu contagiar a administração superior da UFBA e a nós próprios. Ajudou a formar, na Universidade do Texas, em Austin, alguns de nossos melhores pesquisadores e professores.

Sua obra de amor à Bahia, porém, não está completa. O livro sobre o Candomblé baiano que pensava publicar não foi escrito. Tive a honra de encaminhar a estrutura de tópicos dessa obra, bastante detalhada, ao Conselho de Cultura ao qual pertenci. Foi aprovada para publicação, mesmo que ainda fosse um esboço. Esse esboço pode ser recuperado e talvez possa servir de arcabouço para a publicação ordenada das notas e registros que Gerard terá deixado, mesmo que de forma fragmentada.

Na Bahia, terra de Béhague, rival do Rio de Janeiro para onde ele pretendia voltar, a primeira homenagem lhe foi prestada numa defesa de tese de doutorado de Luis Ricardo Silva Queiroz, “Performance musical nos Ternos de Catopés de Montes Claros”, orientada por Ângela Lüehning, dia 15/06/2005. Performance, em Etnomusicologia, outro dos interesses de Gerard, aí está como prova da vitalidade de suas lições. A Academia Brasileira de Música não o deixará sem os louvores que merece. Uma outra homenagem virá do Conselho Universitário da UFBA, em futuro próximo. Caberia talvez ao Itamaraty a organização de um “tombeau”, uma vez que lhe outorgou um título raramente concedido a não-brasileiros: a Comenda da Ordem de Rio Branco, em reconhecimento do valor de seus estudos da música brasileira. Sentiremos muito a sua falta.

Rio de Janeiro, 20 de julho, 2005.